



Uma quarentena que virou questão de sobrevivência

Antonio Jadir Augusto de Souza

Administrador, líder comunitário e militante social, morador do bairro Redenção na zona Centro-Oeste de Manaus. Aluno do Curso de Especialização em Gestão das Organizações Públicas de Saúde (ILMD/Fiocruz)

Quando minha família entrou de quarentena, não imaginávamos que fossemos ficar tanto tempo nessa situação, nem que seria uma questão de sobrevivência para nós. Passamos a obedecer, com rigor, as orientações das autoridades sanitárias que começaram a ser repassadas, lá pelo dia 16 de março de 2020, diuturnamente pela TV e rádio, em função da chegada do vírus na cidade de Manaus. Atendemos ao apelo por entendermos a gravidade da doença Covid-19 e por termos em casa pessoas no grupo de risco, com maior possibilidade de agravamento e morte. Isso nos causava muito medo da doença.

Em casa moram onze pessoas, dentre crianças, adolescentes, adultos e idosos: eu, meu filho, meus pais, um irmão e três filhos e minha irmã e dois filhos. Nossa maior preocupação sempre foi com os meus pais, minha irmã e seus filhos. Minha mãe tem sessenta e nove anos, saúde frágil, já teve tuberculose, tem artrite reumática e osteoporose, além de apresentar constantes sintomas de depressão. Meu pai, de setenta e seis anos, é diabético, hipertenso, tem Alzheimer, problemas na tireoide, e é teimoso *até o tucupi* ⁽¹⁾. Já a minha irmã, de trinta e sete anos, e os meus dois sobrinhos, um de doze e outro catorze anos, têm um histórico de asma e de outros processos alérgicos recorrentes. Para meus pais, irmã e sobrinhos, a doença poderia ser fatal. Isso nos apavorava, e ainda nos dá medo.

Minha mãe não saiu mais de casa, nem os meus sobrinhos. Apenas eu, meu irmão, que é moto-taxista, e minha irmã, mais raramente, ainda saíamos de casa para atividades extremamente necessárias, como comprar comida, remédios, pagar alguma conta urgente ou trabalhar, no caso de meu irmão. Contudo, meu pai ainda teimou bastante, pois era sua rotina comprar pão e outras coisas no comércio do bairro. O Alzheimer dificulta muito a compreensão dele.

Em nossas saídas observávamos a manutenção da distância das outras pessoas e a limpeza das compras. O uso do álcool em gel virou um item imprescindível na nossa higiene, além da lavagem obrigatória das mãos, mesmo que no início tivéssemos certa dificuldade em nos acostumar com essa rotina. Nas ruas, víamos muita gente circulando, incrédulas da gravidade da doença. Tenho certeza que essa ignorância e a teimosia do povo de Manaus favoreceram o alastre do Corona vírus na cidade, levando à contaminação e à morte de muita gente, além, é claro, da deficiência no atendimento de saúde, tanto municipal, estadual e federal.

Em casa a interação social entre nós melhorou, mesmo assim tomamos algumas providências, como aumentar a capacidade da internet em casa, e adquirimos mais aplicativos de acesso a canais de televisão fechados. Isso foi importante para enfrentar o



isolamento social. Acredito que muitas famílias da comunidade também fizeram isso. As que puderam, obviamente, pois a situação financeira das famílias ficou muito fragilizada com a pandemia.

Minha mãe, sempre preocupada com todos, começou a fazer diariamente um chá de limão, mangarataia ⁽²⁾, alho e jambu ⁽³⁾, que todos em casa tomamos, seguindo uma tradição familiar e interiorana de usar remédio caseiro. Ela é natural da área rural de Barreirinha, município do médio Amazonas, além de ter morado em Itacoatiara, onde conheceu e casou-se com o meu pai, e foi lá que nasci.

Além do convívio em família, o único contato com os amigos e outros parentes que tivemos foi através de celular, falando ao telefone, que ficou mais comum, e pelas redes sociais. Falar com outros por telefone passou a ser muito importante, além de apenas mandar e receber mensagens pelo aplicativo WhatsApp.

Apesar de todos os cuidados que tivemos, sentimos na pele as consequências do poder de contágio do Corona vírus. Eu e o meu pai fomos infectados pelo maldito vírus e tivemos a COVID-19. Acredito que eu fui contaminado no único evento social que participei, uma simples reunião no apartamento da minha ex-esposa, no dia onze de abril, quando cantamos os parabéns e comemos bolo pela passagem do aniversário de dezoito anos da minha filha. Estávamos lá, apenas eu, meu filho de quinze anos que mora comigo, minha filha e a mãe dela. Minha estada lá foi rápida. Demorei cerca de trinta minutos, fizemos uma *live* ⁽⁴⁾ pelo Facebook para compartilharmos o momento com a família e nossos amigos. As *lives* também ficaram comuns na pandemia.

Não tivemos muito contato físico, mas foi o bastante para eu ser infectado. Acho isso, pois na segunda-feira, dia treze, comecei a sentir os sintomas da doença, e também nesse dia, foi confirmado que a minha ex-esposa, que estava afastada do trabalho por suspeita da doença há cerca de catorze dias, teve a confirmação de que tinha tido a doença. Ela é técnica de enfermagem, e trabalha no principal hospital estadual de tratamento da Covid-19 em Manaus, o Delphina Aziz. Foi um choque para mim e a minha família.

Passados alguns dias, meu pai também começou a apresentar os sintomas. Aí um desespero circulou no nosso ambiente familiar. Ele teve duas madrugadas de crise, chegando a precisar de atendimento médico no Pronto Socorro 28 de Agosto, mas não chegou a ficar internado. Na segunda ida, fez o exame e foi confirmado que estava com a doença, mas fez o tratamento em casa.

Embora evitasse, em determinado momento eu também precisei ir à uma unidade básica de saúde. Isso ocorreu no décimo dia da doença, calculo eu, quando agravei com muita dor no corpo, tosse, febre, fraqueza, dificuldade para respirar e muita dor de cabeça. Não cheguei a fazer exame na unidade, pois esse procedimento não estava disponível ali, mas pelos sintomas que citei, mais a falta de apetite, falta olfato e paladar, a médica que me atendeu diagnosticou a Covid-19, receitou a medicação e me encaminhou para também fazer o tratamento em casa. Fiquei bem ruim nos dias seguintes, sendo que, no décimo terceiro dia achei que fosse precisar ser internado, pois pioraram muito a tosse e a dificuldade de respirar. Pensei que eu fosse morrer.



Naqueles dias começou o pico das internações e de mortes em Manaus. As unidades de saúde já estavam lotando e já faltavam leitos de UTIs nos hospitais de tratamento da doença. Na televisão e no rádio as notícias eram assustadoras sobre a situação da pandemia na cidade. Um amigo, vizinho meu, foi a óbito praticamente ao chegar no SPA do Alvorada, unidade de saúde que sempre utilizamos, em decorrência de uma grave crise de falta de ar. Imaginei que aquele poderia ser o meu destino também. Contudo, a partir do décimo quarto dia, com a ação dos medicamentos, comecei a melhorar, mas a minha recuperação completa e a do meu pai só aconteceu depois de um mês. Emagreci bastante, pois não tinha vontade nenhuma de comer. Os momentos das refeições eram um martírio.

De tudo isso que passamos, ficou a certeza da gravidade da doença, do seu grande poder de contágio, da importância do respeito à quarentena para o salvamento de vidas e da solidariedade que nos circulou: minha família não mediu esforços para dar assistência para mim e o meu pai, inclusive fazendo uma “ação de guerra” para adquirir os remédios necessários para o nosso tratamento, pois estavam em falta em toda a cidade e no estado, o que foi imprescindível para a nossa cura. Vi isso como uma verdadeira prova de amor da minha família, dos amigos e de tantos outros, até desconhecidos, que se preocuparam, oraram e ajudaram com o que puderam para a nossa recuperação.

Desejo que essa situação, pela qual o mundo passa, com a pandemia do Corona vírus, possa servir para melhorar o nosso planeta, é nos leve a valorizar mais a vida. Talvez essa doença nos faça ver que o amor, a solidariedade, o convívio em família, um abraço, e outros gestos tão simples, são bem mais importantes do que muita coisa supérflua que a humanidade dá tanto valor.

Notas

- (1) “Até o tucupi”: expressão regional de intensidade usada em Manaus, que significa “Extremamente, muito”.
- (2) Nome regional do gengibre (**Zingiber officinale**).
- (3) Planta usada em chás e no tacacá (**Acmella oleracea**).
- (4) Transmissão ao vivo pelos aplicativos de smartphone.